

Publicado em:

GOMES, Maria João; VALENTE, Luís & DIAS, Paulo (2008). Seguranet – Um levantamento exploratório das práticas de risco dos jovens portugueses no uso da Internet. In Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da educação – Educação para sucesso: políticas e actores; p. 849-858. [CD-ROM]

SEGURANET – UM LEVANTAMENTO EXPLORATÓRIO DAS PRÁTICAS DE RISCO DOS JOVENS PORTUGUESES NO USO DA INTERNET.

Autores:

Maria João Gomes
C.C.U.M. - mjgomes@iep.uminho.pt

Luís Valente
C.C.U.M. - valente@iec.uminho.pt

Paulo Dias
C.C.U.M. - pdias@iep.uminho.pt

Resumo: É já um lugar comum, mas nem por isso menos real, o facto de que a Internet tem vindo a adquirir um espaço e importância crescentes no quotidiano educativo, lúdico e de convívio social de muitas crianças e jovens. Sendo indiscutível a importância de promover a melhoria das condições de acesso à Internet e o combate à exclusão digital, importa também ter em atenção a qualidade e relevância das competências a desenvolver. De facto, não basta ser um utilizador da Internet, importa ser um utilizador crítico e consciente. Neste domínio a escola tem responsabilidades indiscutíveis devendo assumir um papel activo na promoção de usos relevantes e seguros da Internet por parte de alunos e professores. Um dos pontos de partida para a promoção de iniciativas de formação/informação neste domínio é o conhecimento das práticas e os comportamentos de uso da Internet por parte de alunos e professores. Nesse sentido Nesse sentido o Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho levou a cabo um inquérito utilizando um sistema de questionários *online*, referente a diversos aspectos relacionados com a questão do uso seguro de Internet. Foram desenvolvidos dois questionários, um dirigido a professores do ensino básico e secundário e outro dirigido a alunos dos mesmos graus de ensino. Nesta comunicação apresentam-se e discutem-se alguns dos dados recolhidos através destes questionários.

1. Introdução

É já um lugar comum, mas nem por isso menos real, o facto de que a Internet tem vindo a adquirir um espaço e importância crescentes no quotidiano educativo,

lúdico e de convívio social de muitas crianças e jovens. Sendo indiscutível a importância de promover a melhoria das condições de acesso à Internet e o combate à exclusão digital, importa também ter em atenção a qualidade e relevância das competências a desenvolver. De facto, não basta ser um utilizador da Internet, importa ser um utilizador crítico e consciente.

“A socialização precoce com a Internet ou a oportunidade de acesso facultada, entre outros, pela escola, são assim factores de grande importância na familiaridade com este tipo de recursos tecnológicos e no desenvolvimento de práticas de utilização mais correntes.” (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes; 2005:140). Estes dois aspectos, referidos na obra “A sociedade em rede em Portugal” realçam a responsabilidade social da escola quer no combate à info-exclusão e às desigualdades de acesso, quer no que concerne à criação de hábitos e comportamentos de uso seguro e apropriado da Internet nomeadamente pelas crianças e jovens que frequentam as nossas escolas. Estes dois aspectos – da democratização do acesso e das potenciais vantagens e riscos associados ao uso da Internet – são também referidos por Papert (1996:111):

“... a faceta mais positiva da Internet reside no seu potencial de nivelamento. A sua ideologia dominante corresponde ao acesso de toda a gente aos mesmos recursos. Isto pode não ser completamente verdadeiro. No entanto está muito mais próximo da verdade do que o que acontece em muitos sectores da nossa sociedade.”

“O seu filho pode agora bater à porta digital das fontes de conhecimento, anteriormente abertas apenas a um reduzido número de investigadores. Uma criança pode falar com um especialista numa área de interesse comum. As vantagens são imensas, mas, pela mesma razão, os riscos são sérios.”

O reconhecimento da existência de riscos associados a usos impróprios, ilegítimos e ilegais da Internet, tem dado origem a iniciativas no sentido de sensibilizar e alertar pais, professores e outros educadores, bem como as próprias crianças e jovens para os cuidados e precauções a tomar no uso da Internet.

Alguns estudos como “A sociedade em rede em Portugal” apresentam-nos dados interessantes sobre as condições de acesso à Internet, os tipos de utilizadores, etc..., contudo, não é muito informativo sobre o tipo de utilizações e práticas de uso da Internet das crianças e jovens em idade escolar. Mais informativo sobre esta temática é o estudo de Jacinta Paiva (2003) – As Tecnologias de Informação e Comunicação: Utilização pelos Alunos – realizado em articulação com o Programa Nónio Século XXI, do (à data) Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação. Um dos aspectos mais significativos sobre esta questão, referenciado neste estudo, é o facto de um número significativo de alunos (do 1.º ao 12.º ano) assinalar a opção “Por vezes, vejo *sites*, na Internet, que os meus pais não gostam que eu veja”,

registando-se um ligeiro incremento com o ano de escolaridade e uma dependência grande do sexo masculino (Paiva; 2003:67). Este estudo identifica também que, de entre as várias actividades possíveis de realizar no e com o computador, a mais praticada é “jogar” e nos 8.º, 9.º e 11.º anos participar em *chats*, um dos aspectos em relação aos quais parece ser consensual a necessidade de adoptar algumas regras de uso seguro da Internet.

Embora estes estudos abarquem algumas vertentes importantes dos comportamentos dos utilizadores da Internet, nomeadamente dos professores e alunos, existem aspectos importantes desses comportamentos sobre os quais a informação disponível é ainda claramente insuficiente. Cabe dentro deste domínio a problemática dos potenciais “comportamentos de riscos” ao nível dos utilizadores da Internet, principalmente no que se refere às mais baixas faixas etárias. Neste domínio, a Comissão Europeia tem vindo a promover uma rede de intervenientes e de projectos no sentido da promoção de uma utilização segura da Internet, a “INSAFE NETWORK” (consultar www.saferinternet.org). Neste domínio, é particularmente relevante a criação de iniciativas como o *Safer Internet Action Plan* (cf. <http://europa.eu.int/ISPO/iap/>) e o *Safer Internet plus programme*, que lhe sucedeu, e que pretendem promover o uso seguro da Internet.

Em Portugal, até ao momento, a principal iniciativa oficial relacionada com a promoção de uma utilização segura da Internet foi o projecto “SeguraNet”, financiado pelo programa *Safer Internet* da Comissão Europeia, o qual visava a criação de um nó nacional dedicado à sensibilização para os desafios e riscos da Internet (consultar www.seguranet.crie.min-edu.pt/) no qual o Centro de Competência da Universidade do Minho foi parceiro (C.C.U.M.). Este primeiro projecto nacional SeguraNet, ao qual nos reportamos, desenvolveu-se de 2004 a 2006, encontrando-se actualmente submetido à CE um novo projecto que visa dar continuidade ao projecto agora terminado. Enquadrado numa primeira fase do projecto SeguraNet, o C.C.U.M. levou a cabo um levantamento exploratório referente aos hábitos de utilização da Internet e aos potenciais comportamentos de riscos associados ao uso da Internet por parte de professores e alunos de escolas portuguesas.

2. O estudo realizado

Em Março de 2005, o Centro de Competência da Universidade do Minho levou a cabo um inquérito, utilizando um sistema de questionários on-line, referente a diversos aspectos relacionados com a questão do uso seguro de Internet. Foram

desenvolvidos dois questionários, um dirigido a professores do ensino básico e secundário e outro dirigido a alunos dos mesmos graus de ensino. O método de divulgação do questionário e de solicitação do preenchimento do mesmo foi baseado na rede de professores e de escolas que usualmente colaboram com o C.C.U.M e com os outros Centros de Competência do país. Apesar de não haver nenhuma representatividade estatística as escolas de pertença, quer dos professores respondentes quer dos alunos, abarcam todos os níveis de ensino não superior e englobam escolas públicas, privadas e cooperativas, distribuídas por todo o país. Importa também ter presente que o sistema apenas permitia a cada utilizador responder uma vez.

O questionário dirigido a professores foi respondido por 677 professores, a leccionarem em 365 escolas diferentes. Os questionários dirigidos aos alunos foram respondidos por 838 sujeitos, de 162 escolas.

Embora não se possa proceder a qualquer generalização dos resultados obtidos com estes inquéritos, uma vez que não foram suficientemente acautelados aspectos de representatividade das amostras, pensamos que os dados obtidos são de algum modo indicadores do que seria, à data, o cenário global em termos do conhecimento e das percepções referentes a aspectos sobre a utilização segura da Internet. A realização deste levantamento teve também o interesse adicional de permitir tomar consciência de aspectos potencialmente mais relevantes a considerar em futuras intervenções no domínio do projecto Seguranet. Na tabela 1 sintetizam-se alguns dados referentes ao estudo.

Tabela 1 – Dados de caracterização do estudo

Período de recolha dos dados	De 18/2 a 12/4
Nº de professores respondentes	677
Nº de escolas a que pertencem os professores	365
Nº de alunos respondentes	838
Nº de escolas a que pertencem os alunos respondentes	162

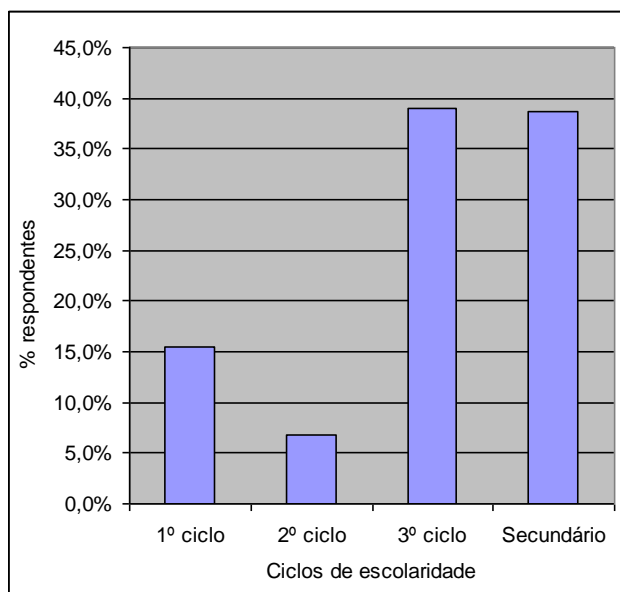
3. Alguns dados recolhidos junto dos alunos

Os 838 alunos respondentes distribuem-se pelos vários graus de escolaridade, do 2.º ano de escolaridade ao 12.º ano, sendo 62% do sexo masculino e 38% do sexo feminino.

Agrupando os alunos por ciclos de escolaridade, verificamos que os alunos do terceiro ciclo e do ensino secundário correspondem a cerca de 70% dos respondentes.

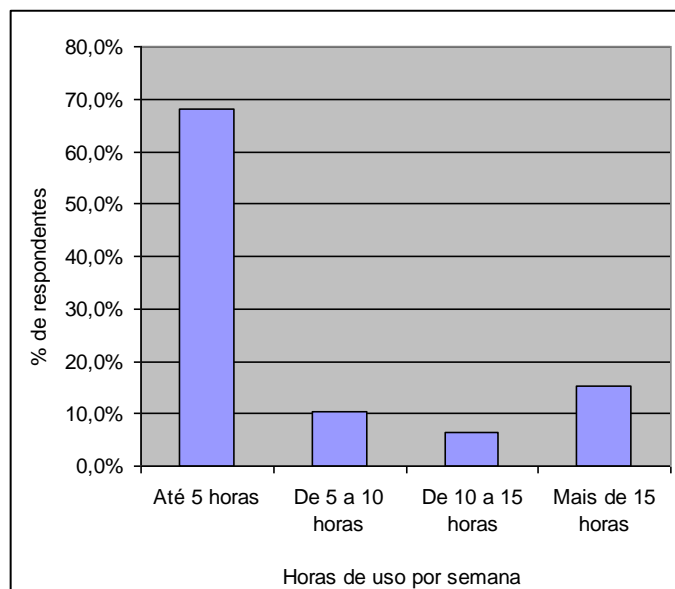
No gráfico 1 representa-se a distribuição dos alunos respondentes pelos vários ciclos de escolaridades.

Gráfico 1 – Distribuição dos alunos respondentes por ciclo de escolaridade



A maior parte dos alunos respondentes usa o computador até 5 horas por semana (cerca de 68%) havendo cerca de 15% dos alunos que o utilizam mais de 15 horas. No gráfico 2 representa-se a distribuição dos alunos respondentes por escalões de uso semanal do computador.

Gráfico 2 - % de alunos respondentes por escalões de uso semanal do computador



No que se refere aos alunos, um dos aspectos mais relevantes decorrentes deste inquérito foi a identificação dos principais serviços utilizados, sendo claramente visível

uma grande incidência de utilização dos serviços de comunicação (e-mail, mensagens, chat), para além da navegação na WWW (ver tabela 1).

Tabela 1 – Serviços da Internet utilizados pelos alunos

Serviços	% Utilizadores
WWW	27%
E-mail	18%
Mensageiros	16%
Chat	11%
FTP (transferência de ficheiros)	9%
P2P	8%
Conferência	5%
Fóruns	3%
Outros	3%
News	2%

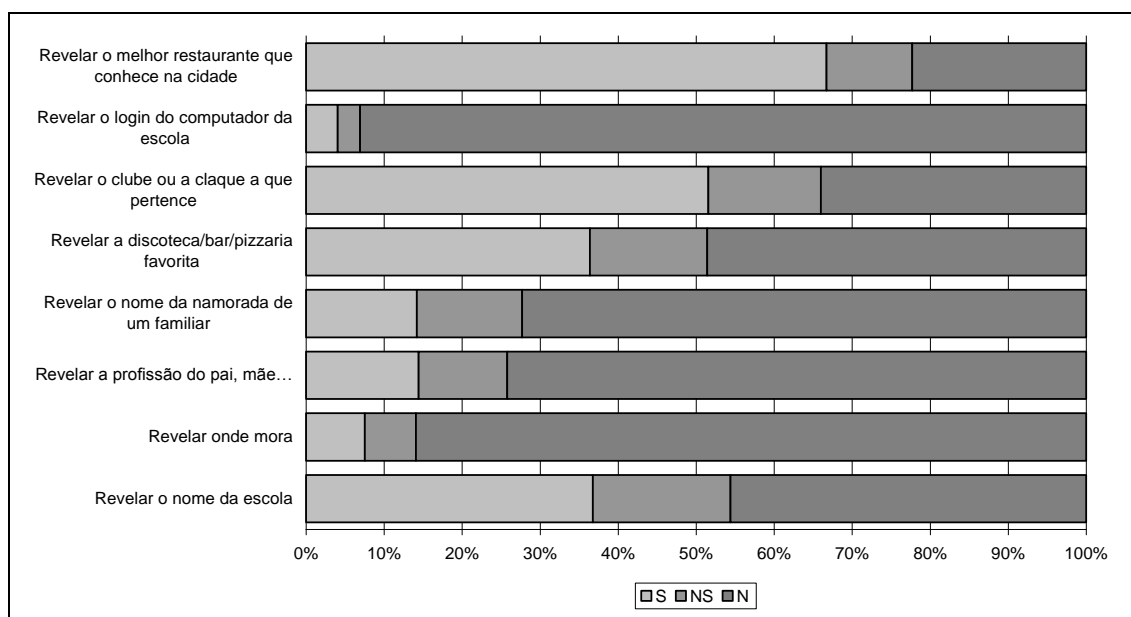
Os valores referentes à utilização de serviços de comunicação via web são reveladores do interesse que estes serviços despoletam nos alunos. Trata-se de um tipo de utilização à qual frequentemente se associa algum tipo de risco decorrente da facilidade de contacto com desconhecidos que, com certa facilidade, podem ganhar uma confiança que poderá não ser merecida, junto de utilizadores menos avisados. Esta questão problemática é uma das que mais vezes se escuta junto dos meios de comunicação social sendo fonte de preocupação para pais e educadores mais atentos. Note-se que estes dados se reportam a 2005 sendo que actualmente, pelo menos ao nível das escolas, as condições de acesso à Internet são significativamente melhores sendo provável que a taxa actual de utilização destes serviços pelos alunos das escolas portuguesas seja mais alto.

Os dados recolhidos mostram também que 63% dos alunos respondentes ao questionário acedem à Internet sempre ou quase sempre na ausência de acompanhamento por parte de adultos. O facto do acesso dos alunos à Internet ser, na sua maioria das vezes, feito sem supervisão de um adulto é mais um factor que reforça a nossa convicção da necessidade de se desenvolverem iniciativas de informação/formação das crianças e jovens, e também dos adultos, sobre medidas e práticas de uso seguro da Internet. Na verdade, embora os dados apontem para a existência de alguma sensibilidade dos alunos em relação a aspectos de segurança, nomeadamente no que se refere a facultar algum tipo de informação que lhe seja solicitado, também há registos de práticas potencialmente perigosas e indicadores de

alguma incerteza dos alunos sobre o que devem ou não fazer em termos de práticas seguras de uso da Internet.

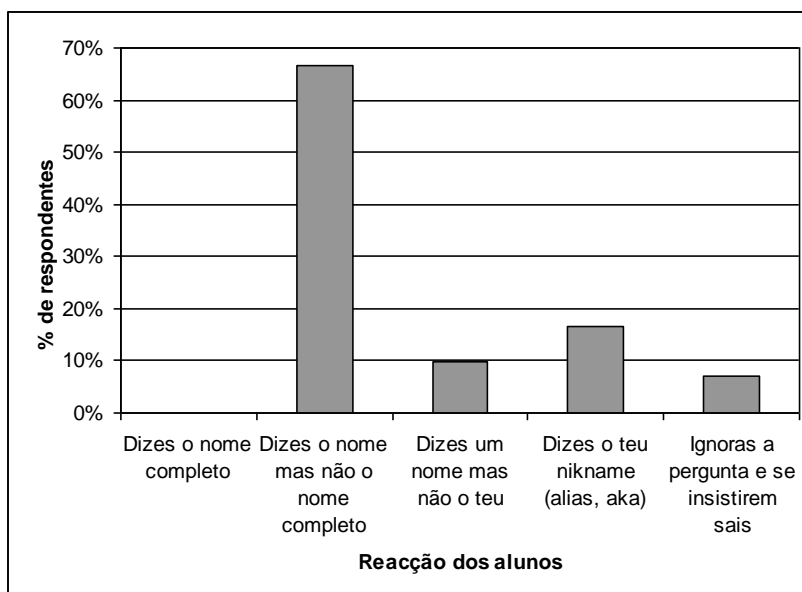
Do total de alunos respondentes, 42% afirma que já sentiu dúvidas sobre o que pode ou não revelar on-line. Todavia, em termos genéricos, e quando confrontados com situações concretas, os alunos revelam ter uma noção bastante apropriada quanto aos aspectos que podem representar maior risco no que se refere ao tipo de informação que podem revelar on-line (ver gráfico 1). Questões como, por exemplo, “acha que é seguro revelar o login do computador da escola?” ou “acha que é seguro revelar onde mora?” recolhem grande número de respostas negativas, respectivamente cerca de 92% e 85%. Curiosamente, há até algumas respostas que sugerem uma noção algo exagerada do que pode constituir um “comportamento de risco” como sugerem o valor de 33% de respondentes que consideram não ser seguro “revelar o clube ou claque a que pertence”.

Gráfico 1 – Percepção dos alunos referente ao risco de revelar algum tipo de informação a pessoas desconhecidas com as quais contacte via Internet. (S - sim; NS - não sei; N – não)



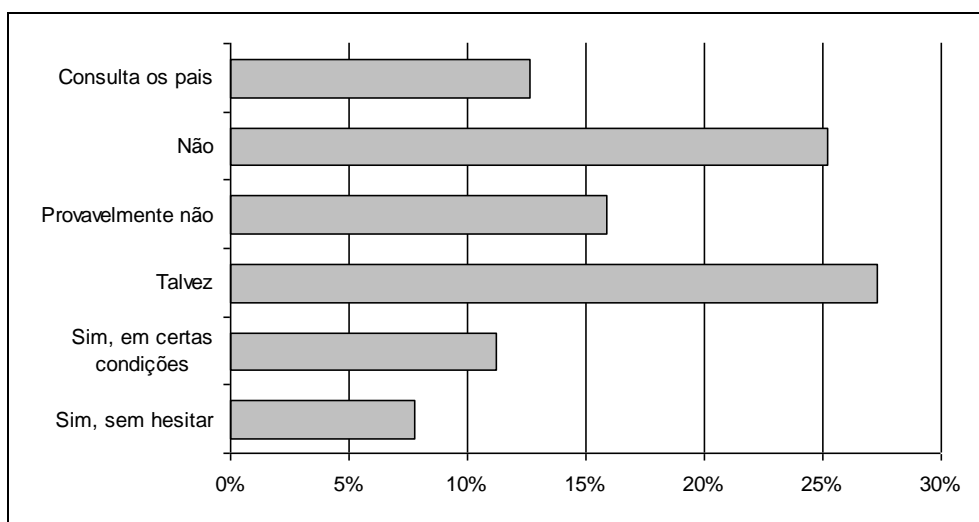
Alguns outros dados apontam no sentido de que os alunos respondentes poderão ter algum cuidado em relação aos seus contactos com estranhos, ou pessoas que apenas conhecem da Internet, como, por exemplo, no que se refere a indicarem o seu nome completo (0% de respostas – ver gráfico 2).

Gráfico 2 – Respostas dos alunos à questão sobre se indicariam o nome e alguém que conheceram online.



No que se refere à forma de reacção a propostas de convites para lanchar por parte de pessoas que conheceram on-line e que supõem ser seus “vizinhos”, as respostas dos alunos são menos claras e, em valores não despreciables, indiciam a possibilidade de adopção de comportamentos de risco como seja, por exemplo, os 8% de respondentes que não hesitariam em aceitar um convite desse tipo, ou os 27% que afirmam que talvez aceitassem. No gráfico 3 representam-se as respostas a estas questões.

Gráfico 3 – Respostas do alunos à questão sobre se aceitariam um convite para lanchar com alguém que conheceram na Internet



4. Alguns dados recolhidos junto dos professores

Como foi referido, responderam ao questionário 677 professores dos diferentes níveis de escolaridade pertencentes a 365 escolas do ensino público, privado e cooperativo. Cinquenta e dois por cento dos respondentes são do sexo masculino e 48% do sexo feminino, podendo indiciar uma maior apetência dos professores do sexo masculino pelas tecnologias, uma vez que, a nível nacional, no conjunto dos professores do ensino básico e secundário, a maioria é do sexo feminino.

Um dos aspectos interessantes decorrente do questionário aos professores talvez seja o que se refere ao número e nível de preocupação dos professores em relação a aspectos de segurança no uso da Internet por parte dos alunos. Noventa por cento dos professores manifestam-se medianamente (51%) ou seriamente (49%) preocupados. Todavia, 29% dos professores reconhecem não saber se a escola tem uma política assumida quando ao uso da Internet em segurança. De entre os professores respondentes, 79% consideram ter responsabilidades específicas na formação/informação dos alunos da escola por razões relacionadas com o facto de leccionarem em disciplinas no âmbito das TIC ou utilizarem as TIC nas aulas das suas disciplinas. O facto de leccionarem disciplina na área das TIC ou utilizarem as TIC nas aulas ou em actividades extracurriculares explica o facto de um número elevado de professores (78%) declarar que costuma abordar com os alunos aspectos relacionados com o uso seguro da Internet. Note-se que 95% dos professores referem que gostariam de receber informação ou participar em eventos de formação relacionados com aspectos de uso seguro da Internet.

5. Reflexões finais

O objectivo principal do questionário a que se reportam estes dados foi o de uma primeira auscultação de professores e alunos referentes às práticas de uso seguro da Internet. Pretendíamos identificar aspectos como a potencial receptividade dos professores a participarem em iniciativas de formação/informação nesta área (aparentemente elevada) bem como recolher algum tipo de informação, por exemplo, sobre o tipo de utilizações/serviços que os alunos fazem da Internet, de modo a identificar potenciais áreas de intervenção no âmbito do projecto SeguraNet, a iniciar em 2006 e do qual o C.C.U.M. foi parceiro. Os dados recolhidos, apesar de não representativos e de estarem tratados sem discriminação por nível de escolaridade, o que poderia revelar, por exemplo, a existência de realidades diferentes neste domínio,

em função do nível de escolaridade e etário, forneceram-nos alguns indicadores úteis, nomeadamente quanto aos aspectos a considerar em termos de informação a disponibilizar junto das comunidades educativas (alunos, professores e pais), contribuindo para a definição, por exemplo, dos materiais informativos a conceber para o projecto SeguraNet, alguns dos quais se encontram exemplificados na figura 1.

Figura 1 – Matérias de divulgação de práticas de uso seguro da Internet, concebido no âmbito do projecto SeguraNet



A terminar, gostaríamos de referir novamente que os dados apresentados, embora não possam ser considerados representativos, parecem indiciar a existência de um certo grau de preocupação e sensibilização com os problemas de uso seguro da Internet quer por parte dos professores quer por parte dos alunos. Apesar disso, importa ter consciência da necessidade de aumentar a informação e consciencialização em relação às práticas de uso seguro da Internet pois a gravidade das eventuais consequências de alguns comportamentos de risco é justificação suficiente para promover iniciativas de informação/prevenção.

6. Referências bibliográficas

- Cardoso, G.; Costa, A.F.; Conceição, C.P. & Gomes, M.C. (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras Editores S.A., colecção “Campo da Ciências”, nº17.
- Paiva, J. (2003). *“As Tecnologias da Informação e Comunicação: Utilização pelos Alunos”*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento.
- Papert, S. (1996). *A família em rede*. Lisboa: Relógio d’Água Editores.